

VIVER O ADVENTO À LUZ DE MARIA IMPLICA SER ALGUÉM GENEROSO, INTERIORIZADO, SILENCIOSO E ORANTE, DOANDO-SE, TOTALMENTE, A **TODOS**, PARA QUE ELE POSSA INCARNAR EM NÓS E VIVER NA NOSSA INTIMIDADE, EM COMUNHÃO COM OS NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS DA HUMANIDADE; PARA QUE SEJAMOS HOMENS E MULHERES DE PAZ E HARMONIA. SE VIVERMOS ASSIM, O ADVENTO, O NATAL SERÁ UMA REALIDADE NOS NOSSOS CORAÇÕES, NAS NOSSAS FAMÍLIAS E NA NOSSA SOCIEDADE.



María, a grande figura do Advento

ADVENTO, tempo de espera e esperança, porque no seio de Maria cresce o germe de uma nova vida. O Filho de Deus incarna no seu seio e assume a nossa própria humanidade. “Deus faz-se homem para que o homem se faça Deus” (Santo Irineu). Maria viveu o Advento mais profundo e real: na esperança esperançosa de uma mãe grávida que espera com alegria o momento do parto, o momento de dar à luz o esperado dos povos, o anunciado pelos profetas, o Emmanuel, o Deus feito homem. “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho que se chamará Emanuel” (Isaías 7:14).

Em Maria culmina a espera de Israel, porque nela se incarna o anunciado por Deus pelos profetas. Maria abriu o seu coração e as suas entranhas à ação do Espírito Santo. Maria era a cheia de graça. “O Senhor é convosco”, dir-lhe-á o anjo Gabriel (Lc 1,28). Deus está nela e com ela. Maria, sendo uma criatura, é unida, tão unida ao seu Criador que é uma com ele. Antes que Paulo pudesse exclamar: “Não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Cristo vive em Maria, e Maria vive submersa em Deus. Se os místicos falam de casamento espiritual, a primeira criatura a experimentá-lo em toda a sua plenitude foi Maria. Maria é a mística por excelência, o arquétipo da vida contemplativa. Ela não foi, apenas, a mãe de Jesus em carne, mas é a amada esposa da Palavra.

Maria ensina-nos a viver o Advento com simplicidade, admiração e gratidão. A partir do silêncio e da adoração ao filho que carrega no ventre. Aquele que vem, que já está à porta e bate, querendo nascer no seu coração e no coração da humanidade. Santo Agostinho afirma: “Maria concebeu

Deus no seu coração e não no seu corpo”.

Maria acolhe o Verbo feito carne com todo o seu ser. O seu próprio sangue era o sangue de Cristo. Pelas veias de Cristo corre o sangue de Maria; Jesus está incarnado, por obra do Espírito Santo, no ventre de uma virgem. Maria tornou o primeiro Natal possível. Maria, a jovem mãe, foi a primeira a acolher o grito do recém-nascido, juntamente com seu marido José, a primeira a sentir o pulsar de seu terno coração e a segurá-lo no colo materno, com as entranhas de uma mãe e de uma virgem.

Anos depois, Maria será aquela que também acolherá o último suspiro do seu Filho, morrendo na cruz como um criminoso. Estará ao pé da cruz com a mesma fé, firmeza, força e amor de quando o anjo Gabriel lhe anunciou: “Não temas, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. E eis que irás conceber, em teu ventre, e dar à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David” (Lc 1,30-32). Diante da evidência da morte de seu filho, como pode ela continuar a acreditar nas promessas do anjo? Profunda fé a de Maria!

A cruz foi apresentada como o fim de toda esperança, mas Maria vê nela a árvore da vida. O cumprimento do plano de salvação de Deus. Na cruz é, realmente, onde este menino nascido em Belém, chamado Emanuel, se manifesta como o Messias e o Salvador. Na baixa de um malfeitor, Jesus manifesta o seu poder salvador para toda a humanidade.

Maria mostra-nos o caminho para que Jesus nasça em nós: fé incondicional nas promessas de Deus, confiança, dedicação e fidelidade ao desígnio de Deus. Deus tem

um plano para cada um dos seus filhos, um projeto. Maria ensina-nos a fazer a vontade do Pai e a sermos fiéis ao desígnio de Deus. "Faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38). Esta poderia ser uma oração do Advento. Uma oração repetida, continuamente, para que se encarne no nosso coração e se aninhe nela.

Viver o Advento à luz de Maria implica ser alguém generoso, interiorizado, silencioso e orante, doando-se, totalmente, a TODOS, para que Ele possa incarnar em nós e viver na nossa intimidade, em comunhão com os nossos irmãos e irmãs da humanidade; para que sejamos homens e mulheres de paz e harmonia. Se vivermos assim, o Advento, o Natal será uma realidade nos nossos corações, nas nossas famílias e na nossa sociedade.

No Natal nasce o Emanuel, o Deus-conosco: uma criança pobre, pequena e carente de cuidados, como qualquer criança. Muitos são os homens e mulheres que encontramos diariamente, necessitados de pão e de um lar, de afeto e de amizade, vivendo sem lar e sem esperança, para os quais nem o Advento nem o Natal têm sentido. Hoje em dia, esta realidade torna-se, ainda, mais crua, mais real e generalizada, por causa dessa pandemia que nos tem afetado a todos, de uma forma ou de outra. O mundo está em lágrimas, sofrendo dores de parto, como disse São Paulo; sem esperança, com grande dificuldade em continuar à espera da promessa. E, no entanto, Deus continua a visitar a humanidade, a visitar cada um de nós, nesta tragédia pessoal e coletiva, pois o Advento é uma realidade muito mais forte do que o Covid-19. Este vírus um dia será derrotado e poderemos, mais uma vez, celebrar o Advento e o Natal com alegria e júbilo. Mantenhamo-nos abertos à

esperança! Talvez, a partir de agora, estejamos mais conscientes do que significam o Advento e o Natal e, de coração purificado, possamos acolher a VIDA, Cristo entre nós.

Os cristãos são chamados a ser homens e mulheres de fé e confiança, que transmitem ao mundo a alegria do nascimento de Jesus, o Messias, o Salvador. Porque só ele pode erradicar tantas carências, injustiças e necessidades que existem no mundo. Ele pode curar-nos desta pandemia, e confortar-nos de tanto choro e sofrimento que muitas outras pandemias nos causam. Diante da realidade concreta da sociedade em que vivemos, devemos semear a solidariedade, a esperança e o amor, para que o Natal seja uma realidade em todos os corações, embora este ano, externamente, seja diferente.

E, com Maria, digamos a Deus: a nossa humanidade «não tem vinho», isto é, «não tem esperança», «não tem alegria». Deus incarnado, sê tu mesmo a nossa esperança e a nossa alegria, acolhe-nos no teu colo e envolve-nos com a ternura do teu amor compassivo: Com o exemplo de Maria e com a sua ajuda, saibamos acolher tantos dos nossos irmãos, com necessidade de cuidar de um filho, e revesti-lo da nossa compreensão e amor fraterno.

Que Maria, a cheia de graça, a escolhida pelo Pai para que se cumpra a promessa, a encarnação do Verbo, nos ajude a viver o Advento, com os olhos e o coração postos naquele que vem e nos traz saúde, paz, justiça e unidade entre todas as raças e nações. Nossa Senhora do Advento, rogai pelos vossos filhos e filhas, que caminham neste vale de lágrimas, na esperança de celebrar com alegria o Natal.

<https://eclesalia.wordpress.com/2020/11/27/maria-la-gran-figura-del-adviento/>

Virgindade de Maria e Palavra de Deus



EM TEMPO DE ADVENTO, a virgem Maria é uma centralidade inevitável, sublinhada a cores pela liturgia da Igreja. Ela é a Mãe que cede o protagonismo ao Natal do filho. Mas, quando a revelação bíblica descreve o Natal de Jesus, implica Maria no mistério desse Nascimento, contando que ela era virgem e que, antes de coabitar com José, seu esposo, “se encontrou grávida por obra do Espírito Santo”. O mensageiro do Senhor diz a José: “o gerado nela é do Espírito Santo; dará à luz um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus” (Mt 1,18-25). Lucas (1,26-38) explicita que ela era “virgem desposada” com José e que “não conhecia varão”; um anjo anuncia-lhe: “conceberás no teu seio e darás à luz um filho, a quem darás o nome de Jesus...; o Espírito Santo virá sobre ti...; por isso, aquele que nascerá será chamado Filho de Deus”. Afirmando assim a virgindade de Maria e a concepção virginal do filho, a tradição apostólica

queria confessar a sua fé em Jesus como Filho de Deus, que assumiu a natureza humana: a virgindade de Maria e o nascimento virginal de Jesus simbolizam a transcendência e divindade dele. Depois a Teologia procurou, não demonstrar/comprovar, mas tornar razoável para a fé esta verdade bíblica.

Nos relatos de Mateus e de Lucas que a descrevem chama logo a atenção o género de linguagem, toda ela evocativa das Escrituras judaicas inspiradas e da atmosfera espiritual e literária do mundo bíblico. O leitor mergulha logo em tantas passagens do Antigo Testamento cristão. Cada uma das cinco cenas de Mt 1-2 está sugestivamente iluminada por uma citação principal do Antigo Testamento, tendo como referência o tema do menino: são um ramalhete de flores colhidas do campo das Escrituras para ornar a figura de Jesus. Também Lc 1-2 envolve a imagem de Jesus menino na roupagem literária do Antigo Testamento, pintada com as suas cores, traços característicos e conteúdos. Os textos da anunciação do anjo a Maria, do seu Magnificat e do Benedictus de Zacarias estão tecidos com as malhas (temas, imagens, figuras, personagens, anúncio do nascimento de meninos, expressões e palavras) da página sagrada, significando assim que Jesus realizava já desde a sua concepção na natureza humana o projecto de Deus para salvar a humanidade, lá descrito.

Ora, este procedimento literário que recorria às Escrituras com a intenção de iluminar realidades e acontecimentos do tempo presente era corrente no mundo judaico ao tempo da redacção dos evangelhos. Era conhecido com o nome hebraico *midráš*. A palavra significa «investigação, procura, busca». Procurava o sentido para a vida em textos das Escrituras canónicas.

Buscava Deus para dar sentido humano e espiritual a uma situação concreta, social, familiar, cultural... Partia de factos reais do presente, procurando interpretá-los e iluminá-los com as Escrituras. Produzia vários géneros literários, por exemplo, *midráš* em forma de homilia, quando comentava a Escritura na sinagoga. Quando cruzava a narrativa fundadora da fé na Escritura com a vida do narrador suscitando uma nova narrativa, acontecia *midráš* narrativo, que abunda no Novo Testamento, cujos escritores conheciam à perfeição princípios, procedimentos, técnicas e regras do seu funcionamento. É essa a forma literária específica das narrativas do nascimento e da infância de Jesus em Mt e Lc.

Não são história propriamente dita. São meditação em forma de narração. O *midráš* brinda a chave de interpretação de factos históricos, do futuro Jesus e da sua obra. É linguagem imagética, qual ‘abertura’ que dá o tom divino e o alcance humano à sinfonia da sua vida. Celebra o assombro e o encantamento perante as maravilhas de Deus naquele menino. Narrando, não inventa nada sobre Jesus: proclama a sua identidade e a sua missão messiânica, usando a linguagem da própria palavra de Deus nas Escrituras. Elas ajudam a penetrar no mistério e a exprimi-lo.

O *midráš* faz dizer, à passagem da Escritura que cita, uma ideia nova: rescreve-a, dando-lhe um sentido novo. É o salto que dá Mt 1,22-23 citando Isaías 7,14. O profeta tinha dito: “Eis que uma donzela concebeu e dará à luz um filho e pôr-lhe-á o nome de Emanuel”. Referia-se ao nascimento do filho da rainha donzela, o rei Ezequias, com um nome profético, simbólico, «Deus conosco», porque no seu reinado de 29 anos fora símbolo da presença, protecção e bênção de Deus para o povo de Judá. Mateus, narrando a concepção e o nascimento de Jesus, para significar que ele era agora a verdadeira Presença de Deus no meio do seu povo, adoptou e adaptou a citação de Isaías, propositadamente segundo a versão grega já existente desde o séc. II a.C. Esta tinha traduzido a “donzela” do hebraico por *parthénos*, que significa donzela mas também virgem. Pegando na significação – possível – de virgem, Mateus afirmava que Jesus não era um homem qualquer, mas sim filho de Maria virgem. Este acrescento de sentido é a maravilha realizada pelo *midráš*, que mostra a continuidade – e faz acontecer progresso – na revelação bíblica. O *midráš* permitia ver no plano salvífico de Deus uma orientação dos acontecimentos e da vida para um futuro melhor e para a sua realização: via os factos narrados nas Escrituras grávidos de sentido humano e religioso, sentido dado pela iniciativa divina, sentida na história por meio da fé.

<https://espiritualidade.carmelitas.pt/boletim/?s=Virgindade+de+Maria+e+Palavra+de+Deus> (Dez 3, 2019)

ARMINDO VAZ, OCD. Presbítero da Ordem dos Carmelitas Descalços (OCD). Professor em Sagrada Escritura, Ciências Bíblicas ou Teologia Bíblica.



Santo Irineu de Lyon, Doutor da Igreja

SANTO IRINEU oferece-nos algo a todos nós. Por um lado, a sua defesa fervorosa dos **ensinamentos tradicionais da Igreja** transmitidos por Jesus e pelos seus apóstolos, por meio dos bispos – a sua obra mais famosa chama-se *Contra as heresias* – poderia transformá-lo num herói para os católicos, alarmados por um claro declínio da ortodoxia na Igreja moderna. Por outro lado, com a sua afirmação da

universalidade da possibilidade de salvação, e da **bondade** intrínseca da criação (contra os gnósticos da época), **SANTO IRINEU** constitui, com os seus ensinamentos, uma defesa profunda do Vaticano II, bem como uma vantagem para os ambientalistas”. escreve JAMES T. KEANE, editor da revista **America**, em artigo publicado em 16.10.2021.

No início deste mês, o papa Francisco disse que pretende declarar doutor da Igreja a **SANTO IRINEU DE LYON**, um teólogo do segundo século, mais conhecido pelos seus escritos contra as **seitas gnósticas**. O venerável santo receberá o título de "**Doutor da Unidade**", pelo seu trabalho como ponte entre o cristianismo oriental e ocidental, na bacia mediterrânica da Igreja primitiva. É a trigésima sétima pessoa a ser reconhecida como doutor da Igreja.

O título de "**Doutor da Igreja**" surgiu, pela primeira vez, na Igreja Ocidental, no início da **Idade Média**. É um título honorífico, reservado àqueles que são reconhecidos como fontes superlativas de grande **sabedoria e santidade**, geralmente, por apresentarem três qualidades: serem pessoas de eminente cultura (*eminens doctrina*); mostrarem um acentuado grau de

santidade na vida (*insignis vitae sanctitas*); e terem sido reconhecidos com essas qualidades por uma declaração da Igreja (*ecclesiae declaratio*). Nos últimos séculos, a Igreja Católica equiparou a terceira condição à aprovação de um papa, embora, na Igreja primitiva (tanto no Oriente como no Ocidente), um fiel pudesse ser designado doutor da Igreja por decreto de um **concílio**, ou por **aclamação popular**.

SANTO IRINEU vem juntar-se a mais trinta e dois homens que foram assim homenageados, juntamente com quatro mulheres (todas nomeadas a partir de 1970). Além de ser **homem**, a maneira mais segura de se tornar doutor da Igreja (além da santidade), tem sido o facto de ser **bispo** (dezanove deles, incluindo **SANTO IRINEU**), embora, também, ajude a circunstância de viver na **Europa** (vinte e sete). As igrejas cristãs do

Oriente, tipicamente, reconhecem, ainda, todos aqueles que foram honrados como doutores da Igreja antes do **Grande Cisma Oriente-Occidente**, em 1053, mesmo que as Igrejas Orientais tendam a não usar esse título; as igrejas individuais, às vezes, têm as suas próprias tradições modernas sobre tais figuras.

Paralelamente ao aumento dramático da canonização de santos no século XX, a nomeação dos doutores da Igreja tornou-se bastante frequente nas últimas décadas, na Igreja Católica Romana. Dos trinta e sete reconhecidos até agora (depois de Santo Irineu se juntar a eles), sete foram nomeados desde 1970, e vinte desde a conclusão do **Vaticano I**, em 1870. Durante muitos séculos, a Igreja do Ocidente reconheceu, apenas, quatro doutores da Igreja. (Ambrósio, Agostinho, Jerónimo e Gregório Magno), e a Igreja do Oriente, apenas, três (**Basílio, o Grande**, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo).

Embora, tradicionalmente, os grandes estudiosos e pregadores tenham dominado as fileiras dos doutores da igreja – por exemplo, os santos **Boaventura, Aquino, Belarmino, Anselmo e Canísio**, bem como os sete marcos mencionados acima - uma série de figuras recentes surgem-nos integrando o lado mais **místico** da barricada, teologicamente falando. Antes de Santo Irineu, os últimos seis nomeados eram conhecidos como místicos, além de mestres: Santa Teresa de Ávila, Catarina de Sena, João de Ávila, Teresa de Lisieux, Hildegarda de Bingen e Gregório de Narek.

Por que razão Santo Irineu e porquê agora? Como sucede com muitos outros processos na Igreja (incluindo os das canonizações), às vezes, a nomeação de novos doutores da Igreja, pelo papa, pode obedecer a razões conjunturais. Por exemplo, o Papa Paulo VI, certamente, não foi o primeiro a notar a santidade e a

sabedoria das Santas Teresa de Ávila e Catarina de Sena; o seu reconhecimento como as primeiras duas mulheres doutoras da Igreja, em 1970, foi, obviamente, motivado, em certa medida, pelo movimento pelos **direitos das mulheres** e pelo reconhecimento do Concílio Vaticano II do apelo universal à santidade, na Lumen gentium. A elas se juntaram Santa Teresa de Lisieux (por quem o Papa João Paulo II tinha uma grande devoção pessoal), em 1997, e Santa Hildegarda de Bingen em 2012.

SANTO IRINEU oferece-nos algo a todos nós. Por um lado, a sua defesa fervorosa dos **ensinamentos tradicionais** da Igreja transmitidos por Jesus e pelos seus apóstolos, por meio dos bispos - a sua obra mais famosa chama-se **Contra as heresias** – poderia transformá-lo num herói para os católicos, alarmados por um claro declínio da ortodoxia na Igreja moderna. Por outro lado, com a sua afirmação da universalidade da possibilidade de salvação, e da bondade intrínseca da criação (contra os gnósticos da época), Santo Irineu constitui, com os seus ensinamentos, uma defesa profunda do Vaticano II, bem como uma vantagem para os ambientalistas.

O **Papa Francisco**, no entanto, parecia ter outro objetivo em mente, quando anunciou os seus planos ao **"Grupo de Trabalho Conjunto Ortodoxo-Católico Santo Irineu"**, um esforço ecuménico para estabelecer um espaço de **diálogo entre católicos e ortodoxos** "O vosso patrono, Santo Irineu de Lyon - que em breve declararei doutor da Igreja, com o título de *'doctor unitatis'* – veio do Oriente, exerceu o seu ministério episcopal no Ocidente, e foi uma grande ponte espiritual e teológica entre os cristãos orientais e ocidentais". Por outras palavras, **SANTO IRINEU** – venerado no Oriente e no Ocidente - também pode ser um símbolo poderoso da **unidade dos cristãos**.

Morreu-nos a D. Dulce

(05.12.2021)

a Mulher muito bonita

A CORRER TIVE DE ESCREVER esta palavra a dizer que ela era muito *pequenina* mas uma grande mulher, uma mulher mesmo muito grande, desde que esta comunidade deu os primeiros passos. O seu mundo era o dos pobres e o das crianças. Calada, fazia muito. E, em sua casa, sempre se podia chorar. A juventude sobretudo... ali chorava de amores, na sua casa de passagem para o Porto, ali se comia (jantava, sobretudo à 6ª feira), a rapaziada sobretudo, uma coisa! ...

O Ti Rei e a Rainha! Pobres, mas queridos, felizes e sempre dispostos. A Igreja precisa de rever a lista dos santos e todas as gerações, como já escreveu S. João no Apocalipse:

"Estes são os que chegaram da grande aflição e lavaram as suas vestes branqueando-as no sangue do Cordeiro. Por causa disto, estão diante do trono de Deus, e servem-

no de dia e de noite no seu Templo.

E o que está sentado no trono os abrigará na sua *tenda*:

Já não terão nem fome nem sede, não cairá sobre eles nem o sol nem o calor, porque o cordeiro que está no meio do trono os apascentará e os conduzirá para as nascentes de águas de vida" (Apo 7,13-17).

O Ti Rei e a sua *mulher muito bonita* foram dos primeiros cabouqueiros de uma realidade chamada Comunidade e sua Partilha Fraternal, que nascia "do desejo e da busca de uma vida mais humana do que aquela que as comunidades eclesiais mais amplas podem revestir, sobretudo nas grandes metrópoles urbanas contemporâneas", como percebeu e escreveu o Papa Paulo VI.

Descansa em paz, TiRei, já tens contigo *a mulher muito bonita*; nós queremos ir ter convosco!

Pe. Arlindo de Magalhães,
(na homilia da celebração eucarística, 06.12.2021).